

MISSÃO DA IGREJA:
abordagem por meio de documentos do Magistério Eclesial

MISSION OF THE CHURCH:
approach through documents of the Ecclesial Magisterium

MISIÓN DE LA IGLESIA:
aproximación a través de documentos del Magisterio Eclesial

Nadi Maria de Almeida *

Pontifícia Universidade Católica do Paraná.
Programa de Pós-Graduação em Teologia.
Curitiba, PR. Brasil.

E-mail: nadinadimaria@gmail.com

ORCID: [0000-0002-5344-6378](https://orcid.org/0000-0002-5344-6378)

RESUMO

O artigo faz uma abordagem comparada da missão da Igreja no mundo nos seguintes documentos oficiais: Decreto *Ad Gentes*, *Evangelii Nuntiandi*, *Redemptoris Missio*, *Ecclesia in África* e *Evangelium Gaudium*. Para analisar o processo de evolução do conceito, ideia e práxis de missão. Segue uma metodologia bibliográfica e documental de forma sequencial, indutiva e confrontada em cada documento. Faz um diagnóstico ordenado e sistematizado da missão da Igreja, que tem como fundamento teológico o envio missionário de Cristo ao mundo. Aponta nos documentos a responsabilidade missionária dos cristãos dentro de cada realidade e contexto. Assinala os elementos e formas para atuação missionária, dando atenção à enculturação, testemunho, ecumenismo e ao diálogo inter-religioso como dever elementar do agente missionário. A pesquisa salienta que o compromisso concreto transforme a sociedade e o mundo e espera contribuir para uma nova visão de missão onde respeito, abertura, o diálogo, acolhida das diferenças e dos valores culturais e religiosos como essenciais, especialmente entre as culturas autóctones.

Palavras-chave: missão; inculturação; diálogo; compromisso; respeito.

ABSTRACT

The article presents a comparative approach to the mission of the Church in the world in following official documents: Decree Ad Gentes, Evangelii Nuntiandi, Redemptoris Missio, Ecclesia in Africa, and Evangelium Gaudium. To analyze the process of evolution of the concept, idea and mission praxis. Follows a bibliographic and documentary methodology in a sequential, inductive, and confronted manner in each document. It makes an orderly and systematic diagnosis of the mission of the Church, which has as its theological foundation the missionary sending of Christ in to world. It points out in the documents the missionary responsibility of Christians within each reality and

* Doutorado e mestrado em Teologia pela Pontifícia Universidade Católica do Paraná. Graduação em Letras pelo Centro Universitário Internacional. Graduação em Ciências Religiosas pela Pontifícia Universidade Católica do Paraná.

context. Furthermore, It highlights the elements and forms of missionary action, paying attention to enculturation, testimony, ecumenism, and interreligious dialogue as elementary duties of the missionary agent. The research highlights that concrete commitment transforms society and world and hopes to contribute for new vision of mission where respect, openness, dialogue, acceptance of differences, and cultural religious values permeate as essential, especially among indigenous cultures.

Keywords: mission; inculturation; dialogue; commitment; respect.

RESUMEN

El artículo realiza una aproximación comparada a la misión de la Iglesia en el mundo en los siguientes documentos oficiales: Decreto Ad Gentes, Evangelii Nuntiandi, Redemptoris Missio, Ecclesia in África E Evangelium Gaudium. Para analizar el proceso de evolución del concepto, idea y praxis misionera. Sigue una metodología bibliográfica y documental de manera secuencial, inductiva y comparada en cada documento. Hace un diagnóstico ordenado y sistematizado de la misión de la Iglesia, que tiene como fundamento teológico el envío misionero de Cristo al mundo. Los documentos señalan la responsabilidad misionera de los cristianos en cada realidad y contexto. Destaca los elementos y formas de la actividad misionera, prestando atención a la enculturación, el testimonio, el ecumenismo y el diálogo interreligioso como deber elemental del agente misionero. La investigación destaca que el compromiso concreto transforma la sociedad y el mundo y espera contribuir a una nueva visión de la misión donde el respeto, la apertura, el diálogo, la aceptación de las diferencias y los valores culturales y religiosos son esenciales, especialmente entre las culturas indígenas.

Palabras Clave: misión; inculturación; diálogo; compromiso; respeto.

1 INTRODUÇÃO

O decreto Ad Gentes do Concílio Vaticano II, afirma que “toda Igreja é, por sua natureza, missionária” (Ad Gentes, 1965, n. 2, 5 e 6), por conseguinte, todos os fiéis cristãos (hierarquia, religiosos e leigos) carecem de assumir a obra missionária, sob a direção do Sumo Pontífice e do Colégio dos Bispos. Este artigo faz uma análise comparada da missão da Igreja, descrita em cinco principais documentos da Igreja acerca do tema, ou seja, de caráter missionário, a saber: Decreto Ad Gentes (1965), Evangelii Nuntiandi (1975), Redemptoris Missio (1990), Ecclesia in África (1995) e Evangelium Gaudium (2013), com o objetivo de buscar subsídios para compreender a relevância da atividade missionária no mundo contemporâneo. Para isso, busca fundamentos nos documentos mencionados, que foram escritos em diferentes contextos históricos da caminhada e atividade da Igreja no mundo. Investiga os apelos e mensagens missionárias que orientaram e orientam a caminhada dos líderes e fiéis para suas atividades na Igreja e no mundo. Para isso, o foco é sempre a vida e missão de Jesus, o missionário por excelência.

A pesquisa aprofunda os documentos supracitados e considera, em primeiro lugar o contexto histórico em que surgiu cada documento. Observa seus propósitos, avalia aspectos,

complementa e reforça apelos no documento da conjuntura precedente e depois atualiza para realidade atual. Em seguida, pondera como se apresenta a fonte da missão nos documentos, visando resgatar a verdadeira fonte, a *Missio Dei*. E assim, assinala como a missão deveria ser realizada no mundo.

A pesquisa delinea os destinatários da mensagem desses documentos e o que se espera deles no mundo. Em especial destaca o compromisso dos Institutos missionários e congregações religiosas que consagram toda sua vida à missão. Aponta o dever dos bispos em suas dioceses e do seu clero diocesano relacionado ao que se refere à atividade missionária da Igreja.

E, por fim, procura avaliar como esses documentos apresentam os elementos e formas de agir na missão, com atenção aos valores do Evangelho. Conclui apontando os apelos que cada documento faz em relação ao ecumenismo, ao diálogo inter-religioso em meio à pluralidade cultural e religiosa, que são demandas indiscutíveis para realidade atual. Portanto, a contribuição que esse artigo se propôs é de ponderar, clarear e fortalecer essas demandas missionárias descritas nos documentos e convidar a uma abertura e atuação pastoral mais coerente com a vida e missão de Jesus no mundo.

2 CONTEXTO E PROPÓSITO

Os cinco documentos escolhidos sobre a ação missionária na Igreja no mundo¹: Decreto *Ad Gentes*, *Evangelii Nuntiandi*, *Redemptoris Missio*, *Ecclesia in África* e *Evangelium Gaudium*, foram escritos em diferentes contextos, no entanto, com um foco comum: a atividade missionária da Igreja no mundo. Assim, seguindo cronologicamente do mais antigo, o Decreto *Ad Gentes* ao mais atual *Evangelium Gaudium*, percebe-se que cada um vai dando seguimento os aportes já feitos, atualizando e dando seguimento para maior clareza e abertura missionárias nos novos contextos.

O Decreto *Ad Gentes* deriva em tempos de grandes mudanças na Igreja e na sociedade. Foi redigido durante o período preparatório do Concílio Vaticano II e chega para questionar, corrigir erros, trazer novas aberturas e um novo impulso missionário à Igreja. Ainda que permanecessem nele muitos pontos que ainda são questionáveis na atualidade.

¹ É necessário destacar que existem outros documentos que tratam da questão missionária da Igreja no mundo, tanto antes quanto depois do Concílio Vaticano II. No entanto, escolhemos apenas os cinco documentos, supracitados.

Mas, houve uma passagem do exclusivismo religioso ao inclusivismo², ainda que não alcançasse o pluralismo, que continua uma questão para o cristianismo na atualidade.

O período que antecede o Concílio Vaticano II revela uma sociedade repleta de mudanças, com diversos acontecimentos que afetaram a humanidade. Souza (2005) aponta a preocupação com uma Igreja envolvida num mundo de agitações e tensões, e o Concílio se preocupa com a tarefa de reconciliar a Igreja católica com o mundo moderno. Uma atualização da atividade missionária da Igreja, diante de um mundo modernizado, onde o cristianismo deveria se fazer presente e atuante. Mas, de que maneira? O ponto fundamental foi da tomada de consciência e a insistência de que a Igreja necessitaria de mudanças profundas. Assim, toda Igreja foi chamada a uma renovação radical, no entanto, até o momento presente essa transformação ainda continua em andamento e em construção.

A Igreja estava vivendo um contexto de civilizações com novas mudanças e condições. Por isso, sente-se como um chamado urgente para mudanças radicais e renovação. Sentiu-se o desejo de reconhecer toda criação e criaturas de Deus reunido no amor de Deus Pai. Consequentemente, a urgência de um novo ardor e impulso missionário, que respeite e acolha toda criação divina com suas diferenças. Deseja delinear os princípios da atividade missionária, reunindo as forças de todos os fiéis, a fim de que o Reino de Deus chegue a todos os povos (*Ad Gentes*, 1965, Proêmio).

Durante o Concílio Vaticano II, foi formado uma comissão competente para desenvolver esquemas que foram sendo reformulados várias vezes até chegarem a um consenso final da redação do Decreto. Também na formação da comissão, foram selecionando e adicionados membros dos países de missão da África e Ásia, assim teriam suas demandas adicionadas ao Decreto. E, foi quase no final da Assembleia, no dia 7 de dezembro de 1965, na nona sessão, que foi aprovada o Decreto *Ad Gentes* com quase unanimidade dos votos – apenas cinco votos contra (*Ad Gentes*, 1965, p. 3-4). Nele, um

² O exclusivismo religioso é a visão de que apenas uma religião específica detém a verdade absoluta e o caminho legítimo para a transcendência. As demais tradições religiosas são vistas como errôneas ou inferiores. Já o inclusivismo religioso reconhece que outras religiões podem conter elementos de verdade e valor, ainda que uma tradição específica seja considerada a mais completa ou verdadeira. A passagem do exclusivismo para o inclusivismo ocorre quando uma religião começa a reconhecer aspectos positivos em outras tradições e a aceitar que diferentes caminhos podem levar à espiritualidade e à transcendência. Um marco importante nesse processo foi a Declaração *Nostra Aetate*, promulgada pelo Papa Paulo VI em 1965, que incentivou o diálogo inter-religioso e a valorização das contribuições espirituais e morais de outras religiões. Esse movimento reflete uma mudança na forma como as religiões interagem, promovendo maior respeito e colaboração entre diferentes tradições. Para aprofundar mais sobre o assunto veja: Scott Randall Paine. Exclusivismo, inclusivismo e pluralismo religioso. Revista Brasileira de História das Religiões – Ano I, no. 1 – Dossiê Identidades Religiosas e História. Disponível em: https://www.educadores.diaadia.pr.gov.br/arquivos/File/2010/artigos_teses/ENSINORELIGIOSO/artigos/2exclusivismo.pdf.

chamado aos fiéis a se empenharem com todas as suas forças à missão evangelizadora, a tarefa de levar a Boa nova do Reino até os confins do mundo, mas de uma nova maneira, onde o respeito às culturas e tradições fossem olhadas com atenção e respeito. Assim, se iniciava-se uma nova era da atividade missionária que demandava atenção e mudanças radicais na maneira de ver e atuar na missão. Porque, voltou-se a fonte da missão, a *Missio Dei*.

Quinze anos, após o Concílio, veio a Exortação Apostólica *Evangelii Nuntiandi* sobre a evangelização no mundo contemporâneo, dar um novo impulso. O contexto era de grande preocupação com o anúncio do Evangelho às pessoas modernas em meio a um tempo de incertezas e desorientação. E, nessa conjuntura, o documento desejava reanimar a esperança em tempo atordoado pelo medo e pela angústia. A Igreja sentiu-se no dever de orientar aqueles que estavam em missão a fim de que as incertezas e desorientações não o desanimassem, para que continuassem a desempenhar a missão com amor, zelo e alegria, sendo testemunhas do Reino. Toma consciência que "o homem contemporâneo escuta com melhor boa vontade as testemunhas do que os mestres, [...], ou então se escuta os mestres, é porque eles são testemunhas" (*Evangelii Nuntiandi*, 1975, n. 41).

De acordo com *Evangelii Nuntiandi* (1975, n. 2), três acontecimentos permeavam o contexto: o final do Ano Santo na qual a Igreja procurou anunciar incansavelmente o Evangelho, tendo como base dois temas fundamentais, " revesti-vos do homem novo" (Ef. 4,24; 2,15; CL 3,10; Gl 3,27; Rm 13,14; 2Cor 5,17), e "reconciliai-vos com Deus" (2Cor 5,20). No contexto do décimo aniversário do encerramento do Concílio Vaticano II, cujo objetivo era tornar a Igreja do século XX, mais competente, dinâmica e acolhedora para anunciar o Evangelho, e um ano depois da terceira Assembleia-geral do Sínodo dos Bispos, dedicado à evangelização. Assim, nestes contextos arraigados de grandes eventos e oportunidades, esperava-se do papa um impulso novo, a fim de suscitar na Igreja, tempos novos de missão, um modo novo de fazer chegar ao homem e mulher moderna a mensagem de Cristo.

Vinte e cinco anos da conclusão do Concílio Vaticano II, da publicação do Decreto *Ad Gentes* e quinze anos da Exortação apostólica *Evangelii Nuntiandi*, veio a Encíclica *Redemptoris Missio*, sobre a validade permanente do mandato missionário. Um novo convite para os membros da Igreja se empenhar missionariamente. Afirma que, é partilhando a fé e o amor que eles se fortalecem (*Redemptoris Missio*, 1990, n. 2). Num contexto de regressão e de afrouxamento em relação à missão, se constatou grandes dificuldades internas e externas que enfraqueceram o dinamismo missionário da Igreja. Viu-

se, que a crise na dimensão missionária significa crise de amor e de fé (*Redemptoris Missio*, 1990 n. 3) e o crescimento do individualismo e do egocentrismo.

Redemptoris Missio apresenta a urgência de ir ao encontro, se aproximar e tocar a realidade existencial de um contexto que, na verdade, oferecia novas oportunidades à Igreja. Por exemplo, o “da queda de ideologias e sistema políticos opressivos; inclemente das comunicações; desenvolvimento econômico e técnico opressor que, em contrapartida, criava a necessidade da verdade sobre Deus, o homem e o significado da vida” (*Redemptoris Missio*, 1990, n. 3). Ao mesmo tempo, em que vê a missão do Cristo Redentor e reconhece os frutos missionários pós-concílio, enxerga a necessidade de uma inserção mais profunda das comunidades cristãs na vida do povo.

Portanto, pode-se ousar dizer que *Redemptoris Missio* veio para esclarecer dúvidas e ambiguidades sobre a missão e realçar que esta significa, “servir a humanidade revelando-lhes o amor de Deus manifestado em Jesus Cristo”. Convida a Igreja para um renovado empenho missionário. De acordo com Andrade (2008, p. 199), *Redemptoris Missio*, vai além do *Evangelii Nuntiandi* anunciando mais três aspectos-chaves importantes: a encarnação do Evangelho na cultura, o diálogo com outras religiões e a promoção do desenvolvimento humano por meio da formação.

O concílio foi um acontecimento que a Igreja da África viveu como momento de graça e de grande expectativa. Com efeito, a ideia de um encontro de bispos da África, para discutir acerca da presença cristã no continente, remonta ao período do Concílio (*Ecclesia in África*, 1995, n. 2). A Exortação Apostólica Pós-Sinodal *Ecclesia in África*, sobre a situação da Igreja e sua ação missionária na África na preparação para o ano 2000, pede a Igreja da África a se tornar missionárias não somente de si mesma, mas também, além de suas fronteiras. O documento apresenta uma reflexão acerca da ação missionária do próprio continente, com uma atitude de abertura para os outros continentes a fim de compartilhar de suas tradições culturais e religiosas (*Ecclesia in África*, 1995, n. 8). Para esse fim, propõe estruturas adequadas nacional, regional e continental.

Em 6 de janeiro de 1989, no contexto da solenidade da Epifania – momento litúrgico durante o qual a Igreja sente uma renovada consciência da universalidade da sua missão e do conseqüente dever de levar a luz de Cristo a todos os povos (...) para que fosse promovida uma orgânica solidariedade pastoral em todo o território africano e nas ilhas contíguas (*Ecclesia in África*, 1995, n. 5).

Assim, delineando os compromissos da Igreja missionária no continente africano, com o propósito de tornar “uma Igreja de missão *ad gentes* que se torna ela própria missionária” (*Ecclesia in África*, 1995, n. 8).

No ano de 2013, Papa Francisco na Exortação apostólica, *Evangelii Gaudium*, sobre o anúncio do evangelho no mundo atual, chama para uma significativa atuação e testemunho num mundo cheio de ofertas de consumo, individualismo, comodismo e buscas desordenadas de prazeres superficiais. Realidade que fecha os corações e os ouvidos à voz de Deus e as necessidades dos pobres e marginalizados. Ofertas exacerbadas, que torna as pessoas insensíveis, pessimistas, queixosas e infelizes. As ofertas da pós-modernidade oferecem prazeres fáceis, imediatos e superficiais, mas que não preenchem os corações, e os torna indiferentes às necessidades do próximo, especialmente dos mais necessitados (*Evangelii Gaudium*, 2013, n. 2). Logo, diante de uma “sociedade técnica que multiplica ocasiões de prazer, mas que não provoca alegria” *Evangelii Gaudium*, faz um convite ao Evangelho da alegria. Um convite todos os cristãos a renovar seu encontro com a pessoa de Jesus Cristo, e fazer a experiência do amor misericordioso de Deus. Abrir-se aos irmãos e irmãs com a alegria e a caridade. Unidos a Ele em uma relação profunda de amor para transmitir aos outros a alegria do Evangelho. Exorta para superação de uma Igreja autorreferencial, para uma Igreja inserida nas periferias existenciais, com a opção preferencial pelos pobres, à libertação e superação de todo tipo de exclusão, poder e dominação sobre os povos. Convoca a transformação de toda Igreja para se colocar em estado permanente de missão baseada no amor misericordioso de Deus que move as entranhas (*Evangelii Gaudium*, 2013, n. 3,5 e 179).

Percebe-se nesses documentos uma característica em comum de avigorar e fortalecer o apelo missionário da Igreja, sua natureza e compromisso com o amor que emana do Evangelho, para edificação do reino de paz, justiça, equidade e amor.

3 A FONTE DA MISSÃO

A fonte da missão é a Missão Divina (*Missio Dei*). *Ad Gentes* afirma que “segundo o desígnio de Deus Pai, na missão do Filho e do Espírito Santo” (*Ad Gentes*, 1965, n.2). Missão que brota do amor misericordioso de Deus trino, o Pai que enviou o Filho e o Espírito para realizar no interior dos corações a sua obra de amor e impelir a Igreja a sua própria libertação (*Ad Gentes*, 1965, n. 1-5). Cristo anuncia a libertação daquilo que oprime a pessoa humana; “eu devo anunciar a Boa Nova do Reino de Deus”. Jesus é o enviado do Pai, manancial da missão divina (*Evangelii Nuntiandi*, 1975, n. 6-7). A centralidade do anúncio de Jesus é o Reino de Deus, pois afirma, “para isso fui enviado” (Lc 4,43).

Redemptoris Missio afirma que fé impulsiona sair de si e ir ao encontro do outro, e “na fé, se fundamenta e se compreende a missão”. Jesus Cristo nos revela o Pai e nos conduz a Ele, e por meio Dele pode-se entrar em comunhão com o Pai, sob a ação do Espírito. Logo, “Deus é o motivo fundamental pelo qual a Igreja é por sua natureza missionária” (*Redemptoris Missio*, 1990, n. 4).

A Assembleia Especial para a África reconhece o evento como um momento de graça para o continente. A fé dos padres sinodais representa a fé da Igreja no continente africano que caminha para a casa do Pai. Eles proclamam a sua fé na Trindade e confia o continente africano a Cristo, “convictos que só Ele, [...], pode salvar a África das dificuldades atuais e curá-la dos seus males” (*Ecclesia in África*, 1995, n. 10).

O Papa Francisco, apresenta Jesus como fonte viva e motivo da alegria que “enche os corações e a vida inteira daqueles que o encontra e se deixa salvar por Ele e são libertados” (*Evangelium Gaudium*, 2013, n. 1). Apresenta Jesus Cristo como fonte da alegria de irradia com fervor a sua Boa Nova do Reino (*Evangelium Gaudium*, 2013, n. 12), pois é o missionário por excelência, enviado do Pai, no Espírito. Logo, “em qualquer forma de evangelização o primado é sempre Deus, que quis chamar-nos para cooperar com Ele e impelir-nos com a força do seu Espírito.” A iniciativa é sempre de Deus, porque Ele nos amou por primeiro (1Jo 4,19).

4 OS AGENTES E DESTINATÁRIOS DA MISSÃO

No evangelho de Marcos 16,15, o Senhor envia seus apóstolos a ir por todo o mundo e pregar o evangelho a toda às criaturas. Eles saíram, com entusiasmo e sem temor, para difundir o Reino de Deus com a pregação da Palavra, anunciando o Reino e semeando o amor de Deus a todos.

Os documentos sobre a ação missionária da Igreja foram dirigidos a todos que têm o dever de conduzir a atividade missionária da Igreja. Assim sendo, o compromisso é dado a todos os fiéis batizados em Cristo Jesus. Porém, a obrigação maior de programar e implementar essa missão, segundo os documentos, é a “ordem dos bispos presidida pelo sucessor de Pedro com a cooperação de toda Igreja” (*Ad Gentes* 1965, n. 6).

Evangelii Nuntiandi reafirma o que foi dito no Concílio Vaticano II sobre o dever que incumbe a Igreja de enviar em missão, porque ser missionária é sua natureza. Afirma que “A obra da evangelização é um dever fundamental do povo de Deus” (*Evangelii Nuntiandi*, 1975 n. 59). Esse ato de evangelizar não é uma ação individual e isolada, mas eclesial. É

destinada ao episcopado, ao clero e aos fiéis da Igreja, responsáveis em testemunhar o amor misericordioso de Deus no mundo. E, todo aquele enviado, vai como Igreja, pois cada fiel é membro e parte do todo da Igreja. Destarte, é mandatório ter consciência de que a atividade missionária, nunca é algo isolado e individual.

Redemptoris Missio (1990, n. 20 e 64) apresenta a Igreja como terminantemente a serviço do Reino e incumbe ao colégio dos bispos, como primeiro responsável dessa atividade missionária; adverte que eles não foram consagrados apenas para uma diocese, mas para todo povo de Deus. Por isso, cada Igreja particular deve se abrir generosamente as necessidades das outras.

Na primeira página da Exortação Apostólica *Ecclesia in Africa*, esclarece a quem o documento, antes de tudo, é dirigido, “aos bispos, aos presbíteros e diáconos, aos religiosos e religiosas e a todos os fiéis leigos sobre a Igreja na África e a sua missão evangelizadora rumo ao ano 2000” (*Ecclesia in Africa*, 1995, p. 1). Durante quatro semanas em que aconteceu a Assembleia especial do sínodo dos bispos, a Igreja que está na África celebrou a sua fé em Cristo ressuscitado. Esteve presentes colégio episcopal vindo de outras regiões do mundo e o Papa João Paulo II. Representantes do clero, dos institutos de vida consagrada feminina e masculina e do laicato. O sínodo revelou um acontecimento de esperança e de ressurreição para África em seu momento de desânimo e obscuridade. Nele, foram examinados “as luzes e as sombras, os desafios e as perspectivas da evangelização na África ao aproximar do terceiro milênio da fé Cristã” (*Ecclesia in Africa*, 1995, n. 1). Igualmente, o Papa Francisco, dirige a Exortação Apostólica, *Evangelli Gaudium*, “ao episcopado, ao clero, as pessoas consagradas e aos fiéis leigos o anúncio do Evangelho no mundo atual” (EG, 2013, p.3). Convoca para uma nova etapa evangelizadora marcada pela alegria e indica caminhos para uma Igreja aberta e em saída missionária (*Evangelli Gaudium*, 2013, n. 1).

Em suma, esses documentos, deixam claro que cabe aos fiéis batizados assumir, cada um, segundo seus dons, vocação e habilidade, a sua obrigação específica na missão da Igreja no mundo.

5 TESTEMUNHO E COMPROMISSO

Os cinco documentos, mencionam que o anúncio deve ser com palavras e com o testemunho, e, se preciso for, como Cristo, doar a própria vida. *Ad Gentes* aponta que esse compromisso envolve não só com as comunidades cristãs, mas abrange a participação na vida, cultura e na sociedade. Um serviço que se estende para melhorar a condição de vida

das pessoas e os libertar da fome, ignorância e escravidão. Espera-se de todo batizado uma presença ativa, inserida no meio do povo, fazendo brilhar a luz e o amor de Cristo. Uma inserção que manifeste a caridade divina, aquela com que Deus nos amou por primeiro. (*Ad Gentes*, 1965, n. 11-12).

Evangelii Nuntiandi (1975, n. 5) reforça o mandato missionário dos fiéis e espera deles uma resposta leal, humilde e corajosa permeada de ações concretas. Demanda da radicalidade no seguimento a Jesus Cristo e confia que o “apóstolo consagre seu tempo, todas as suas energias e sacrifique se for necessária a sua própria vida” (*Evangelii Nuntiandi*, 1975, n. 5). Reconhece que o concílio foi um momento de graça para Igreja e a tornou mais apta para dar testemunho do Reino.

Redemptoris Missio (1990, n. 42-43 e 60) destaca a obra do Espírito Santo, animando e fazendo possível a missão da Igreja, impulsionando seus membros à obra evangelizadora. Ressalva que a primeira forma de evangelizar é por meio do testemunho de vida, e diante das contradições do mundo, este testemunho deve ser corajoso e profético. Aporta que, encarnar o evangelho nas culturas, o diálogo ecumênico, inter-religioso e a promoção da educação das consciências à caridade, é parte do compromisso de todo batizado.

Na Exortação *Ecclesia in África* (1995, n. 68, 70, 75 e 80) encontramos, além de pontos que se repetem sobre o dever dos cristãos, destaca o compromisso para com o desenvolvimento integral da pessoa humana, especialmente para com os mais pobres e marginalizados. Convida a ser voz dos sem voz e empenhar-se com a formação de todos os setores da vida eclesial, com as famílias, que na África representa “a primeira célula não apenas da comunidade eclesial viva, mas também da sociedade” (*Ecclesia in África*, 1995, n. 68, 70, 75 e 80), tendo a Sagrada Família de Nazaré como modelo (Mt 2,14-15). Apresenta também a preocupação para com a situação econômica de pobreza com seu impacto negativo e frustrante, sobre especialmente nos jovens. A luta contra a AIDS, promoção da justiça social e auxílio aos refugiados e deslocados devido a situações de conflito e de guerras. Demandas que deve fazer parte do seu compromisso missionário na Igreja da África.

A *Evangelii Gaudium* (2013, n. 3,5), convida a abrir-se aos irmãos e irmãs com alegria e caridade, numa relação profunda de amor com o Senhor transmitir a alegria do Evangelho. Abrir as portas do coração e da igreja, para ir ao encontro dos irmãos e irmãs que necessitam de um conforto, de amor, de paz e alegria que tão-somente o Senhor pode dar. Dar testemunho do Evangelho sem imposição e coerção, “mas como quem partilha uma alegria, indica um horizonte estupendo, oferece um banquete apetecível” (*Evangelii Gaudium* 2013, n. 3-5). Convida os cristãos/ãs a sair de si para oferecer a vida e a alegria de Jesus Cristo,

com entusiasmo, amor e esperança, como verdadeiras comunidades missionárias testemunhando o amor (*Evangelii Gaudium*, 2013, n. 14, 45, 78 e 109).

6 INSTITUTOS MISSIONÁRIOS E CONGREGAÇÕES RELIGIOSAS

O Decreto *Ad Gentes* (1965, n. 27 a 34) reconhece que os Institutos missionários e congregações religiosas de vida ativa e contemplativa tiveram uma parte significativa na missão da Igreja. E, os convida a continuar a obra de caridade com coragem e entusiasmo da graça da vocação que lhes foi concedida. Aos de vida contemplativa pede orações, penitências pela conversão das pessoas e para as vocações missionárias. Convida mais comunidades contemplativas a abrir casas em terra de missão *ad gentes*. Aos institutos de vida religiosa ativa, seja ele de espiritualidade missionária ou não, pede para alargar suas atividades para terras de missões além-fronteiras. Pede para deixarem compromissos e ministérios menos importante para se dedicarem a atividade missionária e adaptarem suas constituições à abertura das missões, mesmo que não estivesse na mente de seus fundadores. Convida a examinar seus membros se estão realmente dando testemunho evangélico e abrir para eles a opção de poder participar na atividade missionária da Igreja no mundo. E aos Institutos de vida secular, solicita que sob a autoridade de seus bispos possam ajudar na cooperação e na entrega plena de si a favor das missões (*Evangelii Nuntiandi*, 1975, n. 40).

De acordo com *Evangelii Nuntiandi* (1975, n. 69), o compromisso e a responsabilidade dos religiosos, por terem uma vida totalmente consagrada a Deus, à oração, ao silêncio, a penitência e ao sacrifício, são inteiramente disponíveis a dedicar-se a missão. O testemunho de santidade e de “total disponibilidade para Deus, para Igreja e para os irmãos” (*Evangelii Nuntiandi*, 1975, n. 69) e irmãs. Assim, podem testemunhar por meio de seus votos de despojamento (pobreza), de entrega (obediência), de pureza e transparência (castidade), o tempo integral. Eles são avocados a uma “pregação eloquente, capaz de tocar o coração mesmo dos não-cristãos” (*Evangelii Nuntiandi*, 1975, n. 69). Porque, “graças a sua consagração religiosa, eles são por excelência, voluntários e livres para deixar tudo e ir anunciar o Evangelho até as extremidades da terra” (*Evangelii Nuntiandi*, 1975, n. 69).

Redemptoris Missio (1990, n. 65-66) aponta a tarefa dos Institutos missionários e de vida consagrada, convidando-os a fazer uma reflexão profunda do sentido de sua vocação especial e sobre aquilo que a igreja pede e espera deles. Ressalva que, embora o Concílio Vaticano II apontasse o compromisso de todo cristão de difundir a fé, o Espírito suscita no

coração dos indivíduos vocações missionárias, a Igreja suscita instituições que assumem como dever específico essa tarefa missionária de amor e serviço aos povos. Assinala esta vocação é *especial*, porque exige deles uma doação total, e tempo integral, sem limites para obra evangelizadora. Afirma que a “Igreja sempre necessita de entregas radicais e totais, de impulsos novos e corajosos” (*Redemptoris Missio*, 1990, n. 66).

Na África, homens e mulheres de vida consagrada são convidados ao testemunho de santidade, de vida fraterna, de comunhão e colaboração para com os bispos, o clero e os leigos. São convocados para promover e nutrir a formação integral, humana e espiritual dos povos africanos. E que na promoção de novos Institutos Religiosos na África, seja feito com claro discernimento e prudência, e que uma vez fundados, sejam ajudados a adquirir personalidade jurídica e atingir autonomia. Convida os Institutos Religiosos e Sociedades de vida consagradas que não moram na África a não irem apenas procurar vocações, mas que assumam um compromisso de presença ativa. E aos que lá estão, a estarem preparadas ao “diálogo com a criação no espírito da Igreja família” (*Ecclesia in África*, 1995, n. 94) que é característica da Igreja na África.

Evangelii Gaudium (2013, n. 19-10, 46-49) aporta o compromisso de uma Igreja de portas abertas e sempre em saída, para ir ao encontro dos irmãos e irmãs que estão à margem da sociedade. O convite de sair é um convite missionário. Os carismas com que o Espírito enriquece a Igreja, e que deve ser compartilhado. Um sinal claro da autenticidade de um carisma é a sua eclesialidade, a sua capacidade de se inteirar harmoniosamente na vida do povo de Deus para o bem de todos. (*Evangelii Gaudium*, 2013, n. 130).

Evangelii Gaudium coloca o dever de evangelizar e da atividade missionária, como um compromisso igual para todos. Aqueles que têm um carisma especial devem compartilhar com o povo de Deus para o bem de todos, especialmente dos mais necessitados. Insiste de não cair na tentação de manter-se a distância das chagas de Cristo, mas que aproximem e toquem a miséria e dor humana (*Evangelii Gaudium*, 2013, n. 127). Portanto, o compromisso missionário é de todos os batizados; cada um conforme os dons que receberam. E, o sair não é privilégio de uns com carismas especiais, porque é a Igreja toda que é chamada a escancarar as portas e sair em missão.

7 BISPOS E CLERO DIOCESANOS

Segundo *Ad Gentes* os bispos foram consagrados para plena dedicação do bem e da salvação do mundo. Assim, eles não podem se fechar as atividades de uma única diocese,

mas, cooperar com as Igrejas mais necessitadas, seja com ajuda materiais, espirituais como com preparação e envio de seus sacerdotes para ajudar outras igrejas locais. A comunhão e cooperação das Igrejas são necessárias e de suma importância, é a “consciência e a abertura para a dilatação do corpo de Cristo é dever do colégio episcopal” (*Ad Gentes*, 1965, n. 38). Os bispos têm como dever, promover nas dioceses o espírito e o ardor missionário para suscitar no coração do povo e nos doentes, o espírito de sacrifício, a oferta das orações e dos sofrimentos para a evangelização do mundo. Favorecer vocações para Institutos missionários e animar o clero diocesano para missões *ad gentes*. “Ajudar congregações diocesanas para assumirem a sua parte nas missões; promover junto aos fiéis às obras dos Institutos missionários, mas, sobretudo, a Obras missionárias pontifícias” (*Ad Gentes*, 1965, n. 88). Preparar e enviar clero diocesano para missões além-fronteiras. Nas conferências episcopais devem tratar dos assuntos de cooperação missionária com Igrejas irmãs. Oferecer todos os anos a contribuição para as missões; estreitando assim, os laços entre Institutos missionários e o clero diocesano, e se possível, fundar institutos missionários diocesanos para as missões. Lembra que, os bispos não são locais, a eles são incumbidos à responsabilidade missionária da Igreja universal e o dever de incuti-la nos seus sacerdotes e fiéis (*Ad Gentes*, 1965, n. 38).

Assim sendo, o clero diocesano tem dever para com a evangelização do mundo, e essa tarefa não é opcional, pois foram ordenados para o serviço da igreja missionária. Logo, todas as celebrações eucarísticas e as organizações pastorais devem ser missionárias. Uma vez que, é sua obrigação alimentar nos fiéis o desejo de compartilhar suas experiências do amor de Cristo. Animar as famílias ao cultivo de vocações missionárias nos próprios filhos e filhas. Fomentar o espírito missionário nos jovens, nas escolas cristãs, associações e pastorais. Pedir ajuda financeira para ajudar as missões, animar suas comunidades, os seminaristas, professores e alunos católicos para que se abram às necessidades missionárias e ao diálogo com os povos de outras religiões. Enfim, o documento faz um apelo especial para não faltar o aspecto missionário nas formações dos fiéis e em especial dos futuros sacerdotes (*Ad Gentes*, 1965, n. 39).

Evangelii Nuntiandi (1975, n. 62, 68, 76, 78) afirma que, os bispos das igrejas particulares devem manter uma abertura a Igreja universal. Na caridade e na lealdade, devem ser mais missionárias, bebendo do patrimônio universal. Os Bispos unidos ao Papa são os mestres da fé pela virtude da ordenação episcopal. Logo, são “os educadores do povo de Deus na Fé” (*Evangelii Nuntiandi*, 1975, n. 62, 68, 76, 78), e, deste modo, são convidados, a tomar consciência do dever e responsabilidade de evangelizar e de trazer a unidade na

missão. Os sacerdotes são chamados a estarem unidos aos seus Bispos como colaboradores por uma comunhão e caridade para com o povo de Deus.

Redemptoris Missio apresenta o colégio dos bispos, como os primeiros responsáveis da atividade missionária no mundo. “Para anunciar o Evangelho, para confirmar os irmãos na fé, para consolar a Igreja, para ir ao encontro do homem” (*Redemptoris Missio*, 1990, n. 63) e mulheres. Lembra que, o Concílio Vaticano II afirmou os bispos como consagrados para todo mundo, assim sendo, a atividade missionária constituída aos bispos, acarreta um dever e compromisso de serviço no grau mais alto e sagrado da Igreja (*Ad Gentes*, 1965, n. 38, 29, *Redemptoris Missio*, 1990, n. 63). Portanto, o dever missionário de cada bispo é vasto, porque o incumbe como unificador, promotor, diretor, e coordenador da atividade missionária universal. Comete com o dever de colaborar generosamente com as Igrejas mais necessitadas. E, faz um apelo especial aos bispos da América Latina de se lançarem em missão além-fronteiras (*Redemptoris Missio*, 1990, n. 64). Insiste que todo sacerdote deve ter uma mentalidade missionária, aberta as necessidades do mundo por meio de orações e do sacrifício eucarístico, se sintam solidários com a humanidade e com a igreja universal.

O dom espiritual, que os presbíteros receberam na ordenação, prepara-os não para uma missão limitada e restrita, mas para uma vastíssima e universal missão de salvação ‘até os confins da Terra’, uma vez que todo o ministério sacerdotal participa da mesma amplitude universal da missão confiada aos apóstolos por Cristo (*Redemptoris Missio*, 1990, n. 67).

Segundo *Ecclesia in Africa*, os bispos devem ter uma “conduta moral exemplar e impregnada de santidade” (*Ecclesia in Africa*, 1995, n. 98). Sua obrigação é de apascentar o rebanho na Igreja de Cristo, zelar pela unidade, na caridade e santidade e de colaborar com seus presbíteros e agentes de pastoral promovendo a formação espiritual, teológica e antropológica, no continente africano. Ao clero diocesano convida a ter consciência das exigências da evangelização na África, e viver com fidelidade o dom de sua vocação como um dom total para missão. Viver na unidade fraterna, fomentar sua “vida espiritual e intelectual, a ação apostólica e pastoral, a caridade e a solicitude recíproca, especialmente no caso dos sacerdotes de idade avançada, doentes ou em outra dificuldade” (*Ecclesia in Africa*, 1995, n. 97).

Para *Evangelii Gaudium*, os bispos devem favorecer e promover a comunhão aberta e missionária, para que essas vivam em um só coração e uma só alma. Se colocar em linha de frente para servir, para indicar o caminho e sustentar a esperança do povo. Caminhar com o povo, sendo misericordiosos e estimuladores do diálogo pastoral, com o desejo de ouvir a todos sem distinção. O Papa Francisco faz um convite aos bispos a “serem ousados e

criativos na tarefa de repensar os objetivos, as estruturas, o estilo e os métodos evangelizadores das respectivas comunidades” (*Evangelii Gaudium*, 2013, n. 31-33).

Aos presbíteros convoca para assumirem “formas diferentes que requerem a docilidade e a criatividade missionária do Pastor e da comunidade” (*Evangelii Gaudium*, 2013, n. 28). Que estejam em contato com as famílias e com a vida do povo, incentivando seus membros a escuta da Palavra, ao testemunho, ao diálogo, ao anúncio e a generosidade fraterna. Incentiva todos a serem agentes da evangelização. Pede às paróquias que sejam *comunidades de comunidades*, santuários onde seus filhos e filhas vão saciar a sede para continuar a caminhada. Que vivam a comunhão e orientem seus filhos e filhas para missão. Que as paróquias sejam centro de constante envio de missionários (*Evangelii Gaudium*, 2013, n. 29).

8 ELEMENTOS E FORMA

O elemento principal para anunciar o Evangelho é a própria presença do missionário. O contato pessoal, e o testemunho de vida, é a forma principal de divulgar a Boa Nova. Porquanto, para formar catequistas, fazer homilias e dialogar com outras religiões cristãs ou não cristãs, a pessoa do missionário/a é o elemento concreto mais eficaz de se conectar e dar testemunho do Evangelho (*Ad Gentes*, 1965, n. 6, 11). O Decreto fala que os meios de comunicação social, deverão ser empregados de maneira oportuna e com prudência.

Grande parte do *Evangelii Nuntiandi* é dedicada as vias e meios de evangelização lembrando que estes devem ser adaptados para cada realidade. E, devido às diversas situações e circunstâncias de tempo, lugar e cultura, existem desafios para inculturação da liturgia da palavra, para pregação contextual, à catequese, ao ensino religioso nas escolas. No entanto, destaca o testemunho de vida, o contato pessoal como primeiro meio de evangelização. Alega que não se pode deixar de utilizar os meios potentes de comunicação que a sociedade oferece para o serviço da Boa Nova, uma vez que estes conseguem atingir multidões (*Evangelii Nuntiandi*, 1975, n. 40-48).

Redemptoris Missio (1990, 42-45, 52-60), igualmente, aloca ênfase no testemunho como primeira forma de evangelizar. O anúncio deve ser claro e encarnado nas culturas dos povos pela inculturação, o diálogo com outras religiões e a promoção do desenvolvimento, a formação e a caridade para com os pobres.

Cristo o comunicador por excelência foi o ponto de partida da reflexão teológica sobre o uso dos meios de comunicação na África, onde é preciso promover uma comunicação clara

e inculturada da Boa Nova e do amor de Deus revelado em Jesus Cristo. Contudo, as formas tradicionais de comunicação são muito eficazes e bem acessíveis e compreensivas. Assim, comunicação por meio de cânticos, da música, mímicas, teatro, danças, dos provérbios e dos contos devem ser utilizados, sendo que, tem tudo a ver com a vida, crença, tradição e cultura dos povos africanos.

Os meios de comunicação moderna podem ser meios eficazes de evangelização, porém, os bispos sinodais fizeram várias observações ao seu uso incorreto, transmitindo conteúdo imoral em diversos programas que invadiram os lares e a mentalidade das pessoas simples. Para que meios de comunicação possam ser instrumentos de Boa Notícia, é necessário que princípios éticos, morais e cristãos influam no exercício da profissão. Para isso, é crucial proporcionar formação humana, religiosa, moral e espiritual adequada aos profissionais da área (*Ecclesia in Africa*, 1995, n. 122-124, 126). No entanto, a Igreja reconhece a eficácia desses meios e no Sínodo pede colaboração a nível diocesano, nacional, continental e universal para ajudar a Igreja da África, apontando a “solidariedade das Igrejas irmãs dos países mais ricos e avançados do ponto de vista tecnológico” (*Ecclesia in Africa*, 1995, n. 126).

Papa Francisco afirma que a missão e evangelização é um dever da Igreja e de cada cristão, que necessita do testemunho e do anúncio explícito. Observa que a pregação informal, por meio de uma simples e respeitosa conversa, pode acontecer espontaneamente em qualquer lugar (*Evangelium Gaudium*, 2013, n. 110, 127). Que, “a Igreja deve ser lugar de misericórdia gratuita, onde todos possam sentir-se acolhidos, amados, perdoados e animados” (*Evangelium Gaudium*, 2013, n. 114). Assim, apresenta a forma misericordiosa de mostrar o Rosto de Deus à humanidade. Para isso, uma atenção especial à inculturação do evangelho, e o respeito pelas culturas que oferecem formas e valores culturais e religiosos (*Evangelium Gaudium*, 2013, n. 116). Consequentemente, exige celebrações litúrgicas, homilias bem preparadas inculturadas, na língua do povo, e acima de tudo, estar sempre a escuta atenta desprovida de julgamentos e preconceitos (*Evangelium Gaudium*, 2013, n. 139, 154).

9 DIÁLOGO ECUMÊNICO E INTER-RELIGIOSO

Os documentos aportam a questão do diálogo ecumênico e inter-religioso para maior respeito com os povos e suas tradições. *Ad Gentes* (1965, n. 11), pede aos missionários a se familiarizarem com as tradições religiosas presente no campo de missão e no mundo.

Segundo *Ad Gentes*, é necessário “nutrir-se entre os neófitos o espírito ecumênico (...), deve-se promover a ação ecumênica (...) banindo toda aparência do indiferentismo de confucionismo e odiosa rivalidade”, é necessário focar em cooperar “em questões sociais e técnicas, culturais e religiosas” (*Ad Gentes*, 1965, n. 15). Os sacerdotes e os agentes de pastorais carecem de ser educados no espírito do ecumenismo e preparados para o diálogo fraterno com os não cristãos (*Ad Gentes* 1965, n. 16).

Sobre esta questão do diálogo ecumênico e inter-religioso, *Evangelii Nuntiandi* não se detém muito, apenas sinaliza que diante da imensa parte da humanidade que praticam outras religiões não cristãs, a Igreja precisa respeitar e estimar. Diante dessa realidade, o Sínodo, em 1974, afirma que, “o anúncio missionário não se esgota” (*Evangelii Nuntia*, 1975, n. 53).

No entanto, *Redemptoris Missio* enxerga a situação por outro ângulo e fala da importância do diálogo com outras religiões, realidade que faz parte da missão da Igreja. Entende o diálogo com as religiões não cristãs, “como método e meio para um conhecimento e enriquecimento recíproco, ele não está em contraposição com a missão *ad gentes*, pelo contrário, tem laços especiais com ela, e constitui uma sua expressão” (*Redemptoris Missio*, 1990, n. 55). Entende que o diálogo deve ser com profundo respeito pela ação do Espírito que sopra onde quer, e aponta para descobrir as sementes do Verbo e a verdade que ilumina todas as pessoas e todos os povos.

O diálogo fundamenta-se na esperança e na caridade, e desafia um conhecimento profundo, convicto e coerente da própria tradição e religião, para compreender melhor a do outro. Exige humildade, lealdade e sensibilidade de identificar e reconhecer os sinais da presença de Cristo e da ação do Espírito que está presente e atuante em todos os povos e culturas de diferentes maneiras. O diálogo enriquece superar preconceitos, intolerância e mal-entendidos (*Redemptoris Missio*, 1990, n. 56). E, todos os fiéis são chamados ao diálogo, onde cada crença das diversas religiões testemunham “valores humanos e espirituais, ajudando-se a vivê-los em ordem à edificação de uma sociedade mais justa e fraterna” (*Redemptoris Missio*, 1990, n. 57).

Em síntese, *Redemptoris Missio*, reconhece que o Espírito age sem limites de tempo e espaço, fazendo germinar as sementes do Verbo nas religiões e nos esforços humanos a procura da verdade e do bem. Afirma que o diálogo se baseia no respeito pela pessoa humana em busca de respostas às questões mais profundas da vida, e o respeito pela ação do Espírito em cada ser humano. No continente africano é comum ter membros da própria família que pertencem a várias denominações religiosas. Assim, o diálogo ecumênico e inter-religioso

começa dentro de casa. Destarte, iniciativas ecumênicas como a “criação de comissão nacional e diocesana para o ecumenismo, tradução ecumênica da Bíblia, aprofundamento teológico um do outro aspecto da fé Cristã, ou ainda oferecendo junto um testemunho evangélico em prol da justiça, da paz e do respeito da dignidade humana” (*Ecclesia in África*, 1995, n. 65).

Por outro lado, a desunião dos cristãos é um escândalo e um grande contratestemunho para a Igreja, onde todos são chamados a serem testemunhas de um só Senhor, e anunciadores de um único Evangelho. Chamados ao diálogo, ao respeito aos valores de outras tradições religiosas, e a desenvolverem trabalhos juntos, para promoção humana e pelo desenvolvimento e empenho no serviço da vida, na justiça e paz (*Ecclesia in África*, 1995, n. 66). Lembrando que, especialmente no continente africano, é indispensável o diálogo com os muçulmanos evitando o fundamentalismo.

Com as Religiões Tradicionais Africanas, exige um diálogo sereno, atento e prudente. “Assegurar a assimilação de valores positivos, como a crença em um ser Supremo, Eterno, Criador, Providente e Justo Juiz, que se harmonizam bem com o conteúdo da fé” (*Ecclesia in África*, 1995, n. 67). Por isso, o Sínodo da África convida a ter um olhar respeitoso e de estima às Religiões Tradicionais Africanas e formação adequada sobre elas aos sacerdotes, religiosos e missionários que lá chegarem.

Evangelii Gaudium lembra que o Senhor orou pedindo ao Pai para “que todos sejam um só” (Jo 17,21). Logo, considera a unidade e a comunhão dos cristãos como caminho para a credibilidade do Evangelho. Adverte sobre a gravidade do contratestemunho que causa a divisão dos cristãos (*Evangelium Gaudium*, 2013, n. 244, 245). O documento dedica os números 246 a 249 ao diálogo com os judeus. Eles, como os cristãos, acreditam em um único Deus que atua na história. Assim, “o diálogo e a amizade com os filhos de Israel fazem parte da vida dos discípulos de Jesus” (*Evangelium Gaudium*, 2013, n. 248).

[...] há uma rica complementaridade que nos permite ler juntos os textos da Bíblia hebraica, e ajudar-nos mutuamente a desentranhar as riquezas da Palavra, bem como compartilhar muitas convicções éticas e a preocupação comum com a justiça e o desenvolvimento dos povos (*Evangelium Gaudium*, 2013, n. 249).

Enfim, o diálogo inter-religioso é dever do cristão e condição necessária para a paz no mundo. Um diálogo amável e cordial, que busca a paz e a justiça social é um processo de purificação e enriquecimento de ambas as partes. Assim, “nunca se deve descuidar o vínculo essencial entre diálogo e anúncio” (*Evangelium Gaudium*, 2013, n. 251), e de uma preparação adequada para o diálogo com outras religiões presentes no mundo.

10 CONSIDERAÇÕES FINAIS

O artigo analisou cinco documentos sobre a atividade missionária da Igreja católica no mundo. Observou que não obstante o contexto em que foram escritos, os apelos missionários são sempre renovados, atualizados e contextualizados com um propósito único: o testemunho e a ação missionária da Igreja no mundo. Um movimento de envio que começou pelo Pai que enviou seu Filho no Espírito e se expandiu com o envio dos discípulos, para testemunhar anunciar o Reino de Deus a todas as criaturas. Por conseguinte, todo batizado é missionário e agente da ação evangelizadora, pois recebe a graça de uma vocação missionária. E, com os dons e graça recebidos no batismo, podem e devem dar testemunho e compartilhar o amor misericordioso de Deus Trino a toda humanidade.

Os documentos analisados reconhecem que alguns são chamados a consagrarem suas vidas para dedicar o tempo integral a esse serviço de amor e partilha. No entanto, sem esquecer que todos os batizados são chamados à missão na medida do dom e graças recebidos de Deus. Deste modo, os documentos destacam que cada membro é essencial e importante para contribuir com a atividade missionária da Igreja no mundo.

Portanto, a análise comparada do contexto e propósito dos cinco documentos missionários examinados, transmite uma mensagem especificando o que esperam dos cristãos, e em particular dos membros de institutos missionários e das congregações religiosas. Remarca o compromisso e obrigação dos bispos e do clero diocesano, e sinaliza os elementos e forma para anunciar o a Boa Nova. Apontamos como os documentos valorizam as culturas e tradições religiosas e fazem um apelo especial à inculturação e a enculturação, ao diálogo ecumênico e inter-religioso.

Esse apanhado e análise deseja contribuir para conscientização, em primeiro lugar, do valor de cada pessoa humana, com sua cultura, crenças, tradições religiosas que devem ser reconhecidas, respeitadas e valorizadas. Em segundo lugar, deseja que cada cristão, com seus chamados específicos, graças e dons recebidos, sinta-se comprometido com sua missão de expandir e melhorar o mundo, vivendo e testemunhando o Reino de Deus, venerando a preciosidade dos valores interculturais e inter-religiosos. Tomar consciência e reconhecer que ser missionário/a do Reino, significa ser verdadeiras testemunhas do amor de Deus em meio ao mundo plural, intercultural e inter-religioso. É essa a missão de cada cristão e da Igreja no mundo.

REFERÊNCIAS

- ANDRADE, Joachim. Inculturação no contexto da missão Ad gentes. In: LABONTÉ, Gilles; ANDRADE, Joachim (org.). **Caminho para a missão: fazendo missiologia contextual**. Brasília: ABC BSB Editora, 2008. p. 337–353.
- BÍBLIA SAGRADA. **Bíblia de Jerusalém**: São Paulo: Paulinas, 1989.
- FRANCISCO I, Papa. Exortação apostólica do sumo pontífice: *Evangelii Gaudium* – A alegria do Evangelho: sobre o anúncio do Evangelho no mundo atual. São Paulo: Paulus, 2013.
- JOÃO PAULO II, Papa. Carta Encíclica do sumo pontífice: *Redemptoris Missio*: sobre a validade permanente do mandato missionário. São Paulo: Paulinas, 1991.
- JOÃO PAULO II, Papa. Exortação apostólica do sumo pontífice Pós-Sinodal: ***Ecclésia in África***: Sobre a igreja em África e sua missão evangelizadora rumo ao ano 2000. Petrópolis: Vozes, 1995.
- PAULO VI, Papa. Decreto do Concílio Vaticano II: ***Decreto Ad Gentes***. Sobre a atividade missionária da igreja. Petrópolis: Vozes, 2000.
- PAULO VI, Papa. Exortação apostólica do sumo pontífice: ***Evangelii Nuntiandi***: sobre a evangelização no mundo contemporâneo. São Paulo: Paulinas, 1986.
- SOUZA, Ney de. Contexto e desenvolvimento histórico do Concílio Vaticano II. **Revista de Teologia e Cultura**, n. 02, out./nov./dez. 2005, p. 1–36. Disponível em: <https://www.yumpu.com/pt/document/view/12792060/contexto-e-desenvolvimento-historico-do-concilio-vaticano-ii>. Acesso em: 01 out. 2024.

Apoio: Fundação Coordenação de Aperfeiçoamento de Pessoal de Nível Superior

Recebido em: 26-10-2024.

Aprovado em: 08-08-2025.

Editor de seção: Moisés Sbardelotto.